

NACIONAL

Dresdner Bank Lateinamerika

CONSULTORIA EMPRESARIAL
ATRAVÉS DA COTINCO

A vida dentro da escola acelera o aprendizado

O programa Classes de Aceleração, do estado de São Paulo, recebe prêmio nacional e deixa feliz a professora Raquel

Otto Filgueiras
de São Paulo

Há oito anos, a professora Raquel Zambianco de Moraes sai às 5,30 horas da manhã de sua casa, na rua Bezerra de Menezes, em Santo André (SP) e faz o mesmo trajeto até o trabalho. Ela viaja em três ônibus durante uma hora e meia, até chegar na rua Luiz Marolino, onde funciona a Escola Iracema Crem, em Mauá (SP). Ontem não foi trabalhar. Ela estava em Brasília, no Memorial JK, ao lado do governador Mário Covas e de Rose Neubauer, secretária da Educação do Estado de São Paulo recebendo o Prêmio Criança e Paz-Betinho concedido pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) a personalidades e instituições que se destacam em defesa da criança e do adolescente.

A Secretaria de Estado da Educação foi premiada por conta do programa Classes de Aceleração implantado em São Paulo no ano passado com o objetivo de reorganizar a educação dos alunos com múltiplas reprovações, desafiados na idade em relação à série escolar.

O projeto surgiu depois de constatado que 1,5 milhão de alunos são reprovados anualmente na rede estadual e que pelo menos 300 mil que cursam até a quarta série do primeiro grau estão com idade superior porque já repetiram de ano mais de duas vezes, diz a pedagoga Lúcia Izecon de Carvalho, assessora da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), que coordena o programa Classes de Aceleração.

O projeto funciona atualmente em 1.735 salas de aula, atende 41.735 alunos e em 1998 será ampliado para 200 mil estudantes.

Em Mauá, a professora Raquel Zambianco, de 30 anos, é uma das comandantes bem-sucedidas de uma dessas classes e responsável pelo resgate do orgulho em meninas e meninos que não aprenderam na idade de criança, estavam confusos no início da adolescência e quase desistindo de tudo antes de virarem adultos.

Houve uma mudança na minha vida porque deixei de ver as crianças apenas como alunos e passei a encará-las como seres humanos que pedem socorro e querem uma chance de demonstrar que são capazes.

A menina Claudilene Leandro dos Santos, de 16 anos, que estava ontem em Brasília, ao lado da professora, na entrega do prêmio, é um exemplo de vontade de recuperar o tempo perdido. Entrou pela primeira vez numa sala de aula com dez anos porque onde morava, em Santo Amaro, zona sul da capital paulista, não conseguia vaga na única escola do bairro e porque os pais tinham perdido sua certidão de nascimento. Depois que começou a estudar, ela repetiu a segunda série duas vezes, uma vez a terceira e abandonou a escola durante um ano. A garota iniciou a segunda série na Escola Iracema Crem, depois que o pai saiu de casa e ela mudou com a mãe para Mauá. Não conseguia passar de ano.

Era humilhada na classe, as professoras não davam atenção e diziam que não tinham mais como consertar e que eu não ia conseguir aprender.

No início de 1997, quando entrou na classe de aceleração, Claudilene tinha apenas o terceiro ano primário, mal sabia ler e escrever e não fazia as quatro operações aritméticas. Hoje, já faz as contas corretamente e, no ano que vem, pula para quinta série, diz orgulhosa Raquel Zambianco.

A professora reconhece que a repetência é tão aceita porque o sistema educacional está errado. Ela entende que os próprios mestres precisavam ser reciclados com cursos de aperfeiçoamento e modificar a relação com o aluno em classe. Zambianco descobriu as debilidades do sistema na sua própria trajetória.

Ela terminou o magistério na Es-

cola Estadual Doutor Américo Brasiliense, em Santo André, em 1982, com 18 anos de idade e começou a lecionar quatro anos depois quando estudava na Faculdade de Pedagogia da Fundação Santo André e foi trabalhar na APAE — Associação de Pais e Amigos de Excepcionais. Em 1989, no último ano da faculdade, Zambianco passou num concurso da Escola Iracema Crem, e sua vida começou a mudar.

Nos primeiros cinco anos eu ensinava mecanicamente e dizia para os alunos copiarem as lições. Quem mandava era eu, não permitia discussão e as crianças não participavam da aula.

A professora percebeu que precisava modificar. Lia muito, estudava, mas não conseguia fazer a ligação da teoria com a prática, inclusive porque não havia infra-estrutura na escola e um grupo que discutisse os problemas. Até o ano passado, o índice de repetência era de 25% entre os 1.370 alunos da primeira a quarta série e de 30% entre os 460 que estudam no ginásio. Em 1997, a reprovação deverá cair para 11% no curso primário e não é por acaso.

Raquel Zambianco é uma das quatro professoras da escola que desde o ano passado participam voluntariamente do projeto Aceleração de Classe e fizeram o curso de capacitação na Fundação para o Desenvolvimento da Educação, onde aprenderam

O custo da repetência

A rede reprovou
1,5 milhão
de alunos em 1995

O custo/aluno
foi de
R\$ 600

O desperdício
anual foi de
R\$ 900 milhões



Claudilene Leandro dos Santos

que além de aplicar o currículo escolar, é preciso desenvolver outras atividades em sala para os alunos se interessarem e participarem da aula.

Na Iracema Crem são quatro classes de aceleração com 25 crianças em cada e dois níveis de turmas: o nível um para crianças do ciclo básico — primeira e segunda séries — que estão com dez anos ou mais e o nível dois que atende crianças de terceira e quarta séries com 11 anos ou mais.

No ano passado tínhamos alunos na segunda série primária com 13, 16 e até 18 anos de idade. No curso de capacitação entendemos que era necessário resgatar a autoestima das crianças porque elas vinham de sucessivos fracassos.

O trabalho em sala é sempre coletivo e é garantido aos alunos o direito de expor suas idéias e participar. Embora as crianças estejam atrasadas na série escolar, já acumularam uma experiência de vida e isso ajuda no aprendizado. A professora discute coletivamente a história escolar de cada um deles, a trajetória de vida e familiar, suas necessidades, sentimentos, emoções e desejos e a partir daí fala por exemplo, de ciência, do corpo humano. Quando os jovens contam sobre suas vidas, Zambianco aborda a história na linha do tempo, o que estava acontecendo no País e no mundo enquanto eles viviam seus dramas pessoais. Na classe de aceleração, o



Raquel Zambianco de Moraes

aluno aprende tudo que é ensinado na sala regular, mas de uma forma que permite ele relacionar os ensinamentos com sua própria vivência.

A família e a realidade que estão nos livros são diferentes daquelas que minhas crianças conhecem.

Claudilene Leandro, por exemplo, mora com a mãe Maria Celina e seis irmãos num barraco de madeira e chão de terra. O casebre tem um cô-

modo que é ao mesmo tempo cozinha, quarto e sala. A mãe Maria Celina é a única que trabalha fazendo limpeza em residências enquanto Claudilene cuida dos irmãos menores e esse é um dos motivos porque repetiu tantas vezes de ano. Apesar disso, essa garota negra que não conseguiu estudar quando era criança e que está virando uma mulher, não se queixa de nada, está sempre sorrindo, sonha em ser arquiteta e demonstra sua valentia quando se esforça para entender os ensinamentos do mundo dos livros, muitas vezes bem diferentes das lições que aprendeu no livro da vida.

Na classe de aceleração, a professora se deixa envolver nos problemas das crianças, vibra com a determinação dos alunos, mas também com a tristeza que toma conta da sala de aula quando alguém desanima e decide parar:

Uma das alunas foi embora em outubro passado. Quando tomou sua decisão, a menina disse que estava cansada da vida e que várias vezes pensou em se matar.

Taxas de aprovação, reprovação e evasão

(Ensino fundamental - 1ª a 8ª séries)
1986-1996

Ano	Aprovação	Reprovação	Evasão
86	69,4	18,5	12,1
87	69,8	18,7	11,5
88	71,6	16,6	11,8
89	71,0	15,8	13,2
90	72,9	16,2	10,9
91	75,8	13,8	10,4
92	76,2	13,7	10,1
93	78,1	11,9	10,0
94	77,0	14,1	8,9
95	79,2	11,7	9,1
96	83,6	8,8	7,6

Fonte: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Todos nós ficamos chocados e fomos até à casa dela, insistimos, mas não adiantou: ela não voltou.

Dos 25 alunos da sala de Raquel Zambianco, três desistiram, mas os 22 restantes vão acelerar. Em 1997, a maioria dos estudantes das duas classes de aceleração do nível dois da Escola Iracema vai saltar para a quinta série e cinco passarão para a quarta série.

Nas escolas que participam do projeto, o índice médio de aprovação nas classes do nível um ficou em 50% em 1996 e apenas metade das crianças conseguiu passar para a quarta ou quinta série. No nível dois, 71% delas saltaram para a quinta série, informa Lúcia Izecon de Carvalho. A pedagoga diz que o projeto será intensificado em 1998 e 7.500 professores voluntários assumirão novas classes de aceleração.

O objetivo do governo é diminuir o índice de repetência. Segundo Hubert Alquerque, diretor técnico da FDE, a reprovação nas escolas estaduais em São Paulo já caiu de 11,7 em 1995 para 8,8% no ano passado. Ele diz que é importante resolver o problema, inclusive do ponto de vista financeiro: o governo gasta por ano R\$ 600,00 com cada criança. A repetência de 1,5 milhão de alunos significa um prejuízo anual de R\$ 900 milhões aos cofres públicos.

Com certeza a professora Raquel Zambianco fará sua parte para ajudar a solucionar o problema. Hoje, quando retornar para sua sala de aula, na Escola Iracema Crem, em Mauá, ela estará ainda mais animada com o reconhecimento e a premiação do UNICEF pelo trabalho abnegado que realiza. Apesar do salário líquido de R\$ 640,00 mensais, a professora seguirá em frente como faz todos os dias, de segunda a sexta-feira. Continuará saindo de casa de madrugada e antes das 7 horas da manhã já estará na sala de aula com seu avental azul xadrez, ensinando e aprendendo com suas crianças que a vida também é para ser lida e para ficar mais fácil de ser vivida.